

AÇÃO DIRETA

SEMANÁRIO ANARQUISTA

PREÇO Cr\$ 0,50

Diretor: JOSÉ OITICICA

ANO I

Rio de Janeiro — Segunda-feira, 30 de dezembro de 1946

N.º 28

A mais urgente iniciativa dos sindicatos é estudar, desde já, um plano de OCUPAÇÕES progressivas, de fábricas, empresas, terras, etc.
E' o processo de AÇÃO DIRETA atualmente mais eficaz.

TRABALHADOR

Se ainda confias no voto para dar solução aos teus problemas, escuta um momento a palavra veemente da História.

Por MANOEL PERES

Mais uma vez, os políticos de todas as tendências, com a sua enorme bagagem cheia de promessas demagógicas, batem à porta da tua boa fé para solicitar-te o voto que há de conduzir-te aos cargos culminantes do Estado, nos quais, longe de lutarem pelas tuas justas reivindicações, defenderão os interesses supremos do capitalismo.

E, mais uma vez, amigo trabalhador, sem quereses compreender a força formidável da tua capacidade criadora e construtiva, acudirás à urna e anularás a tua própria personalidade, ao confiáres a outro homem a solução dos teus problemas angustiosos.

Escuta produtor

És tu que, coi gigante, impulsionas a alavanca potente do progresso humano. És tu que, construindo cidades e palácios maravilhosos, vives num miserável barracão do morro ou no triste quartinho de uma casa de condôminos, vendo os teus membros definindo lentamente com o organismo minado pelo vírus terrível da tuberculose... És tu que desces ao fundo das minas para arrancar das entranhas da terra os ricos minerais que, transformados em máquinas e instrumentos de trabalho, contribuem para o desenvolvimento das indústrias, das ciências, das artes e de todas as atividades indispensáveis à existência do homem. És tu, finalmente, quem, como suprema ironia, colocando pedra sobre pedra, constróis estátuas gigantescas simbolizando a liberdade, como a que existe à entrada do porto de New York, o que não impede que continues submetido à mais terrível escravidão.

Como é grande o Brasil

Muitos trabalhadores não querem estudar os seus próprios problemas, confiando ingenuamente nos líderes, que afirmam demagógicamente «Eu pensarei por ti e defenderei os teus interesses»... e essa confiança leva-os ao extremo de não acompanharem a evolução humana e ignoram as próprias possibilidades do seu país de origem.

O Brasil, amigo trabalhador, é um dos maiores países do mundo; a sua extensão territorial é de 8.524.500 quilômetros quadrados, ou seja, maior que toda a Europa excetuando a Rússia! Para compreenderes a sua grandeza, basta saber que a Espanha, com os seus 504.000 quilômetros quadrados, cabe inteira no Estado de São Paulo...

Pois bem! O continente europeu, muito menor que o Brasil, com todos os vícios e injustiças do regime capitalista, produz o necessário para alimentar uma população de mais de 500 milhões de habitantes e o Brasil, muito maior que toda a Europa reunida, tem pouco mais do 50 milhões de habitantes que, ou

comem mal, ou morrem lentamente de fome!

Temos um litoral imenso, com pesca rica e abundante, rios formidáveis como o Amazonas e o Paraíba, minas de ferro, carvão e outros minerais, jazidas petrolíferas, cachoeiras possantíssimas para fornecerem energia elétrica às nossas indústrias e, finalmente, terras fertilíssimas com variedade de climas e em condições — se forem cultivadas — de produzirem o necessário para alimentar com abundância uma população dez vezes superior à que existe em nosso país! E morreremos de fome!

A Política não resolve esse problema

Não, amigo trabalhador, a política não soluciona esse problema angustioso, como não conseguiu solucioná-lo em nenhum país do mundo, e prova disto é que a humanidade vive em guerra permanente, guerra provocada pelo capitalismo para afogar em sangue o grito angustioso dos

que morrem lentamente vítimas da injustiça social. Há 150 anos, com a derrocada do Feudalismo e a promulgação dos Direitos do Homem, surgiu no mundo o chamado regime capitalista, ou seja, a chamada organização política dos povos. Se é certo que ao homem foi concedida a liberdade política dando-lhe o direito de escolher ele mesmo os seus representantes, não é menos certo que ele continuou submetido à escravidão econômica, já que o Estado que lhe concedia o direito de votar não lhe dava, de igual forma, os elementos indispensáveis para cubrir as necessidades do lar.

Durante esses 150 anos, a luta entre o capital e o trabalho foi

intensa em todo o mundo, e grandes as tragédias provocadas pela ambição dos dominadores e desespero da classe escravizada.

Nos períodos eleitorais, todos prometam uma solução justa para os problemas humanos; os líderes proletários aceitavam a luta política e abandonavam os sindicatos para defenderem no parlamento os interesses de seus irmãos de classe... Triste ilusão! Mesmo sendo honrados, esses trabalhadores ou falhavam e retornavam aos seus sindicatos ou eram absorvidos pelo meio ambiente. O mal não estava nos homens, e sim no sistema social, na deficiente organização econômica do mundo.

E nessa luta pela conquista do poder político, o proletariado internacional viu como desapareciam, devorados pela ambição e pelo egoísmo de uma existência mais cômoda e feliz, mesmo a custa de vergonhas e claudicações, homens que, nos meios operários, eram considerados como

E assim fugiram, para sempre absorvidos pelo capitalismo, líderes que, na praça pública, pregavam a Revolução Social como única solução para conquistar a felicidade humana, entre eles, Clemenceau, Aristide Briand, Pierre Laval, fuzilado como traidor após a libertação da França e muitos outros, como o famoso Alexandre Lerroux na Espanha, o ex-revolucionário Mussolini na Itália e os Mac-Donald na Inglaterra.

Os povos não querem compreender que todos os políticos são iguais, e que, por melhores que sejam as intenções dos candidatos, eles nada podem fazer em seu benefício, porque o mal está na organização social, no próprio

Estado, na exploração do homem pelo homem, e na maior de todas as injustiças, a Propriedade Privada.

A Solução Anarquista.

Mentem, ou desconhecem profundamente as correntes ideológicas, os que afirmam que a Anarquia representa a desordem, o caos e a desorganização social. São ingênuos também os que dizem que este ideal é impraticável porque os povos carecem de educação e cultura para viverem num regime de completa liberdade.

Se aguardarmos que a humanidade seja na sua totalidade anarquista e tenha cultura suficiente para viver livremente a escravidão do mundo será permanente porque o capitalismo, bastante inteligente, terá, auxiliado pelo clero, o maior cuidado em impedir essa educação, embruteando o cérebro dos trabalhadores.

O anarquismo não destrói, constrói; quer uma organização social que tenha como base fundamental o trabalho em uma Sociedade de Produtores Livres. Que isso não é uma doutrina de loucos o prova o fato de terem lutado, propagado e defendido o anarquismo homens de indiscutível valor nas ciências, nas artes, na literatura, etc.

Anarquistas foram Eliseu Reclus, um dos maiores geógrafos do mundo, Pedro Kropotkin, príncipe e escritor russo, Rodolfo Rocker, uma das maiores mentalidades da Alemanha, Romain Rolland, Miguel Bakúin, Luiza Michel, Enrique Malatesta, Sebastião Faure, Pietro Gori, Anselmo Lorenzo, Ricardo Mella, Federico Urales, Luiz Fabri, muitos outros, verdadeiro orgulho para as ciências e progresso humanos.

O caso de Espanha

O proletariado espanhol estava agrupado em sindicatos que atuavam à margem de toda influência política e eram verdadeiros centros de educação social. Nele, os trabalhadores analisavam os seus problemas; entre estes, a forma de organizar a produção, a distribuição e o consumo pensando na transformação social, que o próprio capitalismo reconhece ser inevitável.

Essa capacidade revolucionária foi a causa fundamental de que o fatídico Franco não triunfasse rapidamente nas importantes regiões de Catalunha, Levante e Castilla, onde os trabalhadores lutaram com verdadeiro heroísmo.

Valor construtivo

Ao surgir a sublevação franquista, a maioria dos capitalistas da Catalunha, complicados no movimento fugiram para o exterior abandonando indústrias e fábricas.

Um proletariado insulso, educado no ambiente político e com noção exata dos seus problemas teria sucumbido facilmente vendo descontrolada a produção. Tal não aconteceu na Catalunha onde tudo estava previsto.

As grandes usinas metalúrgicas, entre elas a Hispano-Suiza, com mais de 800 operários, nomearam imediatamente uma comissão de controle e produção que assumiu a direção das mesmas, e foi tão formidável a sua atuação e tão consciente a obra dos trabalhadores, que a produção aumentou 45 por cento, o que tornou possível a resistência daquele povo heroico durante três anos.

Da mesma forma que as indústrias, os transportes e as ferrovias funcionaram normalmente sob o controle direto dos sindicatos sem que ao povo em armas faltasse o necessário para cobrir as suas necessidades durante a luta contra as hordas facistas.

O campo foi coletivizado chegando a produção agrícola ao máximo do seu desenvolvimento, o que demonstra, de forma categórica, que o povo tem capacidade suficiente para reger os seus próprios destinos. Se isso foi possível na Espanha em luta titânica contra o facismo internacional, mais fácil será quando os povos decidirem libertar-se, em união fraternal, do jugo capitalista.

Agora Amigo Trabalhador.

Analisa esses problemas com calma e atenção; medita nas lições da história, no exemplo dos camaradas da Espanha e pensa que, mesmo votando, não conseguirás emancipar-te, porque, como afirmavam na Primeira Internacional. «A Emancipação dos Trabalhadores há de ser Obra dos Próprios Trabalhadores».

TRABALHADOR! NÃO VOTE ABAIXO OS POLÍTICOS!

Nem Prestes, nem Getúlio, nem Bergh, nem Eduardo Gomes, nem P. S. D. nem P. R. P. nem nenhum desses diabos poderá extinguir as ratazanas, pôr fim à carestia da vida, acabar com a exploração burguesa.

Contra a exploração: greves e ocupação.

Contra a reação: rebeldia popular.

Contra a farsa dos políticos: desprezá-los e não votar em nenhum.

As Juventudes Libertárias, seção do Rio de Janeiro

Vivemos com a vista fixada no Estado, entumecido de charlatanice, basófia e impostura. Compõe esse Ente Supremo a trindade: governo civil, religião força armada.

Alega essa trindade que representa a vontade livre do povo, mas o que todos vêem é justamente o con-

Uma comparação trário. Ela patenteia a sua inércia construtiva.

Todo governo alardeia e consegue embair o povo crédulo, alegando ser o Estado sua segurança, o conferidor e mantenedor de sua liberdade pessoal; mas, lá na subconsciência, sente

cada um o arrocho da escravidão. Não há, no mundo povo que não se sinta farto dele; mas, nenhum sabe o que há de pôr em seu lugar. Sabem todos que o Estado nunca educará, jamais libertará, nem possui sequer vitalidade construtiva; que, fora de suas ex-

(Continua na 4ª pag.)

O PARTIDO COMUNISTA EM CRISE

Solidaridad Obrera de Paris (19-10-46) publica, assinada por Catilina, uma crônica interessantíssima que traduziríamos com prazer se não fosse tão longa. Traduzimos, todavia, os dois tópicos mais incisivos:

Mas, o cisma não se reduz a comunistas e socialistas; dentro do Partido Comunista, assume tal extensão, que ameaça findar com um regozijante *salve-se quem puder*. Expulsos uns por lesarem a disciplina e outros de moto próprio, desenganados com o jogo imoral que faz a Rússia no problema espanhol, vai-se o comunismo ficando em caos.

Quase lhe surge, ao stalinismo espanhol, um novo Trotzky! Estais lembrados de Jesus Hernandez, ministro da instrução pública com Largo Caballero e, mais tarde, comissário geral dos exércitos republicanos do Centro?

Pois bem! esse mesmo, após permanência longa em Moscou, onde comprovou as excelências do comunismo, foi quem assumiu a tarefa de desmascarar, ante seus compatriotas, os comunistas stalinianos, evidenciando o indecente jogo empenhado por eles com os interesses da Espanha, os segredos do partido, a moralidade e capacidade de seus dirigentes.

No México, aonde o mandou Stalin, de Moscou, para preparar a invasão comunista a toda a América espanhola e dirigir a ação do partido no exílio, divorciou-se dos líderes do Bureau Central e armou-se chefe de um sector, que, como portavoz do seu *neo-comu-*

gio: «dize-me com quem andas e dir-te-ei quem és».

Conta-nos seu artigo que, no outono de 1943, saiu de Moscou para o México em missão do Partido.

«Era preciso pôr fim ao comportamento escandaloso dos nossos componentes da delegação e do partido no México. Mais tarde, tive de retificar uma enca-deada série de erros na interpretação e na linha política da União Nacional. O fundamental motivo que decidiu a direção do partido a enviar-me ao México foi alarmante reincidência nas detenções e fuzilamentos de quantos camaradas eram enviados à Espanha do México, fazendo suspeitar da existência de provocação no aparelho secreto».

Porém, quando Jesus Hernandez quis aprofundar as causas de todo aquele desajuste, o grupo dirigente do partido comunista em França atirou-se-lhe em cima com a Pasionária à frente, acusando-o «de infames manobras contra a sagrada unidade» e Jesus Hernandez saiu do partido onde atuara como dos mais conspícuos dirigentes.

Entretanto, o ex-ministro comunista não se resignou a ser a vítima expiatória do grupo Pasionária e, nem breve nem preguiçoso, arrojou-se à refrega pelas colunas dos *Horizontes* e tais coisas disse da Pasionária, que não nos atrevemos a reproduzi-las por tratar-se de uma mulher e porque em nada nos interessa sua vida particular.

«A crise política e orgânica do Partido Comunista na América, que, a princípio, se supôs localizada no México, vai dizendo Jesus Hernandez, manifestou-se logo em todos os partidos esparsos pela América. Em todos se notaram sintomas análogos. Em França teve a crise ainda aspectos mais graves e agudos. Enfim,

essa grave situação manifesta-se na mesma Espanha.

Várias organizações rompem os laços com os dirigentes de Toulouse. Move-os a tomar tão grave determinação, não somente a desastrosa política do Bureau Central, como os repetidos e suspeitos casos de detenções e golpes em massa no partido, o que faz crer na existência de provocação nas mais altas esferas do partido. Uma crise de tal extensão e profundidade condena o partido à impotência. Nosso silêncio não podia continuar».

«Demais, quando cheguei aqui, envolvia toda a organização do nosso partido no México uma espessa névoa de terror político. A obediência cega, o crer no que jamais se viu, impôs-se como lei... O entranhado carinho do partido de que fui fundador e seu mais antigo dirigente, tem-me impedido até hoje de tomar, para palanque de um torneio profundamente político, o terreno lodoso e repugnante em que a atual direção do partido situou a polémica. Não é culpa minha ter eu de remover o atascado em que se afundam seus dirigentes. Temos de cravar o bisturi na carne viva para extirpar o mal». E prossegue despejando uma série de ataques aos correligionários, ataques impossíveis de reproduzir por falta de espaço. Todavia, vá um botãozinho de amostra:

«O fato sintomático de que, dos cinco membros efetivos do Bureau político de França, dois estão condenados e qualificados como inimigos; de que, de seis membros efetivos do comité central residente no México, quatro estão separados do partido e de que tiveram igual sorte três deputados às Cortes, diz bem claro da crise interna do Comunismo». E logo acrescenta:

«De França dizem coisas sem fim. Os milhares de refugiados de todos os credos e matizes comentam aqui os amores e frivolidades de uma ancia com um jovem» e cousas tais blateram, que redundam em desdouro e descrédito da mais alta instituição de nosso partido».

Ciência e Religião

A religião constitui o maior obstáculo que o caudal da ciência tem que vencer para atingir, com seus benefícios, o oceano da humanidade.

O clero sempre foi e continua sendo, ainda que de maneira atenuada, avesso a toda verdade científica por mais clara e conclusiva que seja. E' suficiente lançar um olhar retrospectivo no passado histórico dos povos, para se ter a clara visão do antagonismo:

André Vesale, fundador da anatomia humana, mereceu a desaprovção da igreja e da opinião pública, naturalmente a última influenciada pela primeira, por dissecar cadáveres; no entanto, contrariando um de seus mais belos mandamentos que diz: «Não Matarás!», a Igreja, para servir seus interesses mesquinhos e em nome de um Deus «bondoso» e «misericordioso», queimou, em praça pública, esse marco da medicina primitiva que é Miguel Servet.

James Simpson, porque teve a feliz idéia de aplicar a anestesia com o fito de evitar as dores causadas pela maternidade, viu, toda Hidemburgo erguer-se, num coro uníssono, regido pelo clero e médicos invejosos de seu talento, para chamá-lo hereje, porque ousara contrariar esse Deus vingativo que tinha dito: «Parás na Dor!»

Travou-se acirrada polémica em torno da questão. E, quando os acusadores de Simpson apontavam o versículo da Bíblia que diz: «Parás na Dor!», este, com toda a calma e segurança, indicava outro em que Deus aparece como o primeiro cirurgião que aplicou a anestesia: «Fiz Adão cair num sono profundo e tirou-lhe uma costela»; ao que os padres imediatamente replicaram «Este fato é anterior ao pecado original!» Simpson não se deu por vencido; mergulhou no estudo da Bíblia e, comparando o texto inglês com o texto aramaico, chegou à conclusão de que a

palavra «dor» estava empregada no sentido de «esforço».

Os padres, atônitos, viram-se batidos; porém, não se entregaram. Só mais tarde, quando a rainha da Inglaterra quis dar à luz sem sofrer, viu James seus esforços coroados.

O rosário é imenso: Janer, Galileu, Franklin, Darwin, Freud, etc., viram esses pigmeus da teologia espumarem raivosos contra as verdades científicas, que seus cérebros embotados pelo cego fanatismo não conseguiam nem de longe vislumbrar.

Ciência e religião são campos antagonísticos. É como acentua Daniel de Montalvão: «Igreja e Ciência estão divorciadas. A teoria da evolução está em franco antagonismo com o dogma da criação. A geologia separou-se do Gênesis. Darwin brigou com Adão, Galileu com Josué, Franklin com o Padre Eterno».

A ciência quer tirar a humanidade do obscurantismo, da ignorância, do caos, para conduzi-la, através de campos floridos, ao templo do saber. A religião tem absoluto interesse em que os povos vivam mergulhados na escuridão, na crassa ignorância para mais facilmente explorá-los.

Portanto, não adianta querer tapar o sol da verdade com a peneira do embuste. Para que uma viva, é absolutamente necessário que a outra pereça.

Tempo virá em que esses templos serão transformados em suntuosas bibliotecas, em magníficas salas de conferências, em notáveis laboratórios, onde a humanidade feliz colherá ensinamentos que a engrandecerão. A palavra velha do padre será substituída pela palavra de conceituados conferencistas e então terá raio este sol magnífico, que é o sol do mundo anárquico.

Idéal Perez

(das JJ. LL. do Brasil)

A DOCTRINA ANARQUISTA AO ALCANCE DE TODOS

JOSE' OITICA

Continuação do n.º anterior

2º — Marx manda expropriar as terras e diz que a renda será aplicada aos gastos do Estado. Expropriar é aniquilar o direito de propriedade. Esse direito caracteriza-se precisamente pela faculdade de auferir o possuidor uma renda. Ora, se Marx mantém a renda, não extingue o direito de propriedade. Essa propriedade apenas se transfere. Se se transferisse para os trabalhadores em conjunto, deixava de ser propriedade e então absurdo era falar em renda. Porém, segundo Marx, ela passa ao Estado proletário. Essa renda, em vez de ser aplicada pelos antigos proprietários aos seus gastos, irá servir para os gastos do Estado. Assim houve mudança apenas de proprietário. A propriedade saiu das mãos de detentores relativamente fracos e passa para as mãos de um patrão único, senhor de todas as armas e ditador. 3º — Com efeito, o Estado marxista é um Estado patrão, dono do dinheiro concentrado num banco, dono das terras, dono das manufaturas, dono dos transportes; impõe trabalho obrigatório com severas punições, é claro, aos recalcitrantes, embora proletários; institui salários por ele mesmo regulados, o que prova não ser a propriedade das terras nem das indústrias proletária, senão de alguém que da renda distribui as

sobras. 4º — Não se compreende que, desapropriadas as terras, mantenha o Estado marxista um imposto progressivo. Ou as terras foram de fato expropriadas, e nesse caso não pode haver imposto, ou não foram, e nesse caso não houve revolução, o proletariado não está vitorioso, a burguesia está dona de tudo. Realmente, não se pode conceber que um proletariado comunista revolucionário, estando senhor de todas as armas, deixe propriedades nas mãos dos burgueses. 5º — Marx fala na abolição da herança. Se há necessidade de abolir a herança, é que se mantém a propriedade; apenas essa propriedade não poderá passar mais de pais a filhos. Como abolir a herança num regimen em que toda a propriedade passou para o Estado? Não é isso absurdo? 6º — Esses erros prendem-se à nenhuma concepção marxista de um regimen comunista. Com efeito, cousa gravíssima num pregador do comunismo, Karl Marx jamais nos deu um esboço da sociedade comunista definitiva. Obcecado pelo preconceito de um Estado intermediário, não conseguiu mais do que determinar as linhas desse Estado, com o dinheiro, símbolo da propriedade particular, com o salário, símbolo da exploração patronal, com o aparelho governamental, símbolo da ditadura burguesa, com o partido diretor, símbolo da oligarquia política em

todos os tempos. Assim Marx faz uma revolução para sair do regimen capitalista e mantém integralmente essa organização capitalista. Muda de rótulo, mas conserva a essência. Dir-se-ia que Marx tudo fez para impedir que feita a revolução proletária para o comunismo, os trabalhadores instaurassem realmente o comunismo.

Isso concorda com a sua incompreensível sugestão de que o capital será pouco a pouco arrancado à burguesia. Porque pouco a pouco? Até quando esse pouco a pouco?

Mais adiante veremos quais os caracteres de uma revolução verdadeiramente comunista e então mais claro se evidenciará o erro grave de Karl Marx.

Não menor erro marxista foi o da luta parlamentar, para combater a burguesia. A luta eleitoral viciou o proletariado desviando-o da luta direta contra os patrões, nos sindicatos, nas fábricas, nas ruas, fazendo-o esperar nos seus representantes. Esses representantes nos parlamentos não fizeram outra coisa, como previram os anarquistas da primeira Internacional, que desvirtuar a revolução e transformar o socialismo em reformismo. Fato bem eloquente: Engels, o principal discípulo e colaborador de Marx, no fim de sua carreira, acabou pregando que, dado o progresso das armas burguesas e a forma das

ruas de estreitas e tortuosas em largas e retas, nenhuma luta armada era possível, não restando pois ao proletariado mais que a luta parlamentar. Não houve nem há maior calmante da revolução. A revolução só pode ser feita trenando as massas na insurreição. Os discursos e cambalachos parlamentares deixam as massas ativas e portanto irrevolucionárias.

118 — O bolchevismo — Outra experiência do marxismo temos nós com o bolchevismo. Aproveitando a revolução russa de 1917, promovida e realizada pelos anarquistas russos, os bolchevistas, bem organizados e comandados por Lênin e melhor por Trotzky, apossaram-se traiçoeiramente do poder e instituíram o Estado Socialista russo, passagem obrigada, segundo eles, para o comunismo integral. Propunham-se realizar o plano de Marx e, para isso; 1º — proclamaram a ditadura do proletariado; 2º — decretaram as terras, as fábricas, os instrumentos de trabalho propriedade do Estado; 3º — declararam que todo o poder caberia aos soviets (assembléias) — dos operários, soldados e camponeses.

119 — Crítica do bolchevismo — Os anarquistas predisseram ao programa bolchevista: a — que a ditadura proclamada nunca seria ditadura do proletariado, mas ditadura do partido bolchevista em nome do proletariado e, desde que se mantinha o salariato, portanto

o dinheiro, seria ditadura sobre o proletariado; b — que mantido o dinheiro, instrumento da propriedade particular, nunca se poderia passar ao comunismo, nem se evitaria o acúmulo de dinheiro, o empréstimo a juros, a agiotagem, etc. o próprio governo ver-se-ia constrangido a instituir um banco emissor, promover negócios, dar concessões, voltar, pouco a pouco, ao capitalismo particular ou de Estado; c — que o poder jamais pertenceria aos soviets; concentrar-se-ia nas mãos dos chefes do partido comunista e esse partido, como todos os partidos, mais se preocuparia com a sua permanência no poder do que com a realização da passagem ao comunismo.

Todas essas previsões verificaram-se à risca em pouco tempo. Os governantes russos, para sustentarem o seu domínio sobre o proletário assalariado nas fábricas, sobre os camponeses maltratados nos campos, sobre os não bolchevistas descontentes com o regimen, instituíram a mais pesada e dura tirania da história. Apesar da tirania, estão sendo gradualmente forçados a contramarchar para o capitalismo. Já em tempo de Lênin, fizeram a Nep — nova política econômica — que de nova só tinha o nome, pois era um sistema capitalista de concessões a industriais e comerciantes.

Continua

VOTAR significa encarregar a um político que tem seus interesses próprios a defesa dos meus interesses TALVEZ CONTRÁRIOS AOS DELE! Pode haver maior tolice!

PARA TRÁS FARSANTES

Ao aproximarem-se as eleições, essa farsa de que se servem os políticos, para arrancar do povo os votos que lhes asseguram as posições de mando, depara-se-nos um espetáculo triste e degradante.

Repugna ver essa modalidade de mendicância que é a caça ao voto, através de programas que, vazados em linguagem bajulatória, acenam ao povo miragens deslumbrantes, com promessas de solução imediata a todos os males que afligem a espécie humana. Possuídos de ambições desmedidas, perdendo o senso do ridículo, essas sereias de canto sonoro, servindo-se do rádio, da imprensa e outros meios de propaganda, no período que precede as eleições, apregoam, por toda a parte, as suas virtudes, e as cidades amanhecem inundadas de cartazes, estampando seus retratos onde, com frases grandiloquentes, afirmam estar dispostos a sacrificar tudo pela grandeza nacional, esquecendo porém de fazer alusão ao mais penoso sacrifício que é o de receberem polpudas remunerações pelo estafante trabalho de exercerem funções de deputados, senadores e outros cargos públicos.

Mencão especial merecem os políticos comunistas e socialistas que, superlotando os parlamentos de inúmeros países, vão sendo absorvidos por esses antros de politicagem e, transformando-se em autênticos conservadores acabam servindo de escoras às paredes vacilantes do edifício capitalista. Agindo de preferência nos meios obreiros, esses camaleões, canalizam os anseios de bem estar e de justiça dos trabalhadores para o terreno da política, neutralizando-lhes toda e qualquer iniciativa que se coadune com a Luta Social, castrando-lhes a vontade, atrofiando consciências, anulando-lhes a personalidade para reduzi-los à condição humilhante de rebanho que passivamente deve acatar e obedecer à palavra de ordem de líderes e messias. Abundantes exemplos confirmam essas afirmações. Se Hitler, em lugar de encontrar os obreiros alemães munidos de papeletas eleitorais, tivesse de defrontá-los, possuídos de um estado de consciência que lhes permitisse antever e avaliar, em toda a sua extensão, o desastre que se aproximava, provavelmente a Alemanha não teria mergulhado na noite tenebrosa do nazismo, sem encontrar a resistência que lhe deveriam opor vinte milhões de sociais democratas e comunistas. Em contraposição a isso, os heroicos trabalhadores espanhóis, cuja consciência foi forjada nas asprezas da Luta Social, enfrentaram galhardamente, durante três anos, as hordas assassinas de Franco, mancomunadas com o nazi-fascismo, ante a passividade de um mundo covarde, e, embora derrotados, tombaram de pé, escrevendo com letras de sangue, uma página de heroísmo que a história registrará como um dos mais arrojados impulsos de Renovação Social de nosso tempo. Enquanto se trombetavam as vitórias eleitorais dos comunistas e socialistas na França e outros países, os cárceres da Espanha encerram duzentos mil presos sociais sofrendo os horrores da tirania franquista, testemunhando a indiferença desses demagogos que, para completar a sua obra nefasta, destruíram nos trabalhadores que eles arrastam para as urnas, até o sentimento da solidariedade humana. Trabalhador! atenta para essas realidades e estaca a tua marcha na estrada sombria da politicagem. Faze um retrospecto das lutas obreiras que, travadas à margem da política, assinalaram conquistas memoráveis e medita sobre as condições deprimentes em que te encontras. Repudia os líderes e chefes que querem subir à tua custa e toma resolute a deliberação de não votar e, sobretudo, faz que essa abstenção seja ditada pela tua própria consciência, porque ela é a mais poderosa arma que podes empregar na defesa dos teus direitos e também o baluarte onde se despedaçam as ambições dos políticos e a arrogância dos tiranos que querem escravizar-te.

TRABALHADOR, NÃO VOTES

Um grupo de anarquistas

Campinas, Dezembro de 1946.

UMA CARTA

Há muito tempo eu tencionava escrever um artigo sobre a campanha que comeci há quinze anos e que ainda estou continuando, a campanha contra o nazi-fascismo. No entanto, em todos os exemplares da «Ação Direta» gritam que estão abarrotados de material de publicidade. Eu julgo, porém, que um jornal como «Ação Direta» deve publicar algo sobre esta luta que temos mantido aqui no Brasil, para esclarecer os seus leitores, mais amplamente, sobre o que era e é este cancro da humanidade que se chama nazi-fascismo. Havendo pois boa vontade por parte dessa redação em aceitar este trabalho, escreverei, dentro de pouco, um artigo sobre os 15 anos de luta que mantive aqui contra o nazi-fascismo. Hoje, entretanto, quero mencionar outro assunto que acho muito necessário ser ventilado.

A Alemanha tinha um movimento anárquico, onde estavam representadas todas as camadas espirituais e intelectuais. Mais ou menos uma dúzia de jornais deram provas da existência desse movimento. Os adeptos da causa anarco-sindicalista contavam-se por centenas de milhares. A sede do movimento internacional anarco-sindicalista era a Alemanha. Hoje, está tudo morto. Os anarquistas eram os maiores inimigos dos fascistas, e, por isso, também foram as primeiras vítimas que tombaram no fascinoso movimento nazista.

Em uma árdua luta ilegal, quase todos morreram, tombaram como verdadeiros heróis, defendendo a sua opinião, tombaram como anarquistas. Sobre isso escreverei noutra ocasião. Quase nenhum sobrou, e os poucos que ainda existem estão prestes a sucumbir, devorados pela fome e pela miséria.

Eu mantive relações com esses nossos camaradas da Europa durante todos esses anos de guerra. Desde o desmoronamento do 3.º Reich, tomei por tarefa procurar os anarquistas sobreviventes alemães, e, na medida do possível, auxiliá-los. Na Alemanha de hoje, todos os dias morrem milhares de pessoas de fome, e, também aí, os nossos companheiros estão entre as primeiras vítimas. Até a data de 5 de novembro, consegui apurar o paradeiro de oito companheiros nossos, residentes em oito cidades diferen-

tes, e apresento aqui trechos de cartas trocadas com eles:

De 26-5-1946.

Gerhart Wartenberg, o último redator do jornal «O Sindicalista», morreu num campo de concentração, na idade de 40 anos. Gerhart Wartenberg foi a última inteligência do movimento sindical da Alemanha.

Artur Holke, de profissão funileiro, como anarquista era perito em literatura. Editava em Leipzig o jornal «O anarquista»; morreu num campo de concentração.

Erich Mühsam, poeta anarquista, foi assassinado num campo de concentração.

O conhecido escritor anarquista Rudolf Grossmann, de Viena, morreu, após ter vivido em diversos campos de concentração, ao fugir.

Uma carta de um camarada que reside em uma cidade ocupada pelos russos, datada em 14 de julho de 1946, diz o seguinte:

«Artur está morto; de Buchenwald (campo de concentração) recebi esta notícia. Karl B. retornou a casa, após uma detenção de vinte oito meses. Max B. esteve oito anos em correção. Richard foi condenado a quinze anos de correção e esteve sete anos em correntes e solitárias; depois foi removido para Buchenwald. A mamãe G. foi condenada a dois anos de correção e cinco anos de campo de concentração. Eu estou em contacto com todos os nossos velhos camaradas... estamos todos famintos.»

O camarada Willi Paul me escreve, após longos anos de correção e campo de concentração: «Estamos novamente em luta contra todo o centralismo e contra toda a ditadura, etc. Precisamos de livros, material de organização e papel. Não se pode mais concentrar os pensamentos, devido à falta de alimentação. Cristãos, judeus e outros recebem auxílio, não poderia sobrar alguma coisa também para nós?»

H. Bergmann da Westfália escreve o seguinte:

«Eu fui removido após ano e meio de prisão, para trabalhos forçados no Atlântico, de onde a Gestapo me mandou para Hamm. Há um ano fui libertado com a chegada dos aliados. — Os sonhos de juventude não esqueço. O movimento levou um baque terrível nos últimos anos, quase se deve começar novamente pelo A B C. A miséria econômica é grande e deixa todos abatidos; mas, como tínhamos um Beethoven, um Goethe e um Bakúnin, não nos entregamos às lamúrias, e sentese aos poucos penetrar a vontade de viver, assim como um otimismo sadio. Podes estar certo de que a crença na realização dos nossos sonhos é inabalável.»

Viena, 3 de agosto de 1946.

Prezado camarada Kniestedt Foi uma surpresa agradável, o receber a sua carta informativa n.º 25. Onde estão as anteriores? peço que as mande. Após onze anos de fascismo, reunimo-nos na «União de Estudos sociais e Propaganda». Aos poucos vamos descobrindo todos os velhos camaradas, e, por isso, estamos muito satisfeitos, por ter reatado relações novamente com os amigos de lá etc. etc. Com sa-

dações livres o seu Leopoldo Spitzegger.»

Isso são trechos de algumas missivas que tirei entre muitas outras; julgo, porém, que essas dizem o bastante. Tenho eu, têm os anarquistas o direito de deixar morrer de fome esses lutadores? Não. Após prolongados entendimentos, encontrei, há coisa de dois meses, o caminho para auxiliar esses nossos irmãos de luta e pensamentos. Por intermédio da Suíça já foram remetidos mais de 53 patotes de alimentos, perfazendo mais de 400 quilos. Quase 8.000,00 já consegui angariar para esse fim. Isso é uma parcelinha que serve, porém, para auxiliar um pouco os nossos camaradas ou as viúvas e filhos dos que tombaram.

Os anarquistas e anarco-sindicalistas alemães foram sempre os primeiros em auxiliar os seus colegas de outros países, nunca os abandonando no infortúnio.

Lamentavelmente não é possível fornecer auxílio aos camaradas residentes na zona de ocupação russa. A «Ditadura do Proletariado» não permite tal auxílio. Em todas as outras zonas, inclusive Viena, porém, tenho remetido pacotes alimentícios.

Estas linhas não foram escritas para implorar caridade ou para provocar solidariedade, mas unicamente para esclarecer os leitores de «Ação Direta» dos fatos que ora se estão passando na Alemanha vencida. Nós os camaradas alemães auxiliamo-nos mutuamente.

FR. KNIESTEDT

Caixa Postal 1340 — Porto Alegre — Rio Grande do Sul.

Novos conchavos

Stalin está namorando escandalosamente a Igreja Católica. Namoro de raposas velhas.

Vishinsky e os mais delegados russos vão à missa na catedral de S. Patrício e todos eles desmancham-se em sorrisos e salamaleques aos celebrantes mais graduados.

Togliatti vai visitar o Papa em pessoa e beija lhe as mãos ou talvez os pés, muito ancho do seu papel de alto-falante de um ditador proletário!

Prestes, outro recadista soviético, acha crime atacar a Igreja e, como prova de sua sincera reverência à arcaica e velhaca matrona, oferece um lugar, na chapa do partido, para as próximas eleições, a um sacerdote espalhabrasas que lhe arroja às fuças o tal presente.

As duas raposas velhas acabarão de cama e mesa e ouviremos um dia dizerem os comunistas que Stálin sempre foi católico e dizem os católicos que a Igreja sempre foi comunista.

Isso de Deus ser inimigo do Diabo é para os trouxas,

NOTÍCIAS ANÁRQUICAS

Itália — No dia 12 de outubro, 15.000 camponeses da província de Catanzaro, na Sicília, apossaram-se de toda a terra inculta. Reuniram-se nas praças de 10 cidades e depois marcharam em esquadrões para se apoderarem de 25.000 acres de propriedades particulares são cultivadas.

Inglaterra — Foram inauguradas as veladas anárquicas de outono em Glasgow com extraordinário êxito, no dia 6 de outubro. Noticiando-as *Freedom*, de Londres, comenta que é

sintomático o fato de estar o salão do Centre Halls repleto de ouvintes quando, ao falarem outros oradores, as filas de cadeiras ficam vazias. O ambiente geral, acrescenta, mostrou a crescente compreensão, por parte dos trabalhadores, de que a plataforma anarquista é a única alternativa eficiente nos atuais condições do caos mundial.

Falaram os companheiros

PROPAGUEM

Ação Direta

Eddie Shaw, mostrando o desastre que é, para os trabalhadores, confiarem infantilmente em líderes políticos; Philip Sansom, de Londres, evidenciando a nenhuma ação do Governo Laborista em favor dos trabalhadores; Jimmy Raeside, sobre os princípios e fins do anarquismo, criticando a obra policial do Estado; e, finalmente, Preston Clement chamando a postos todos os trabalhadores do mundo para a tremenda luta que eles vão guardar.

Um apelo da juventude portuguesa

(publicado em C. G. T. de setembro)

Jovens que trabalhai, que estudeis e que sofreis, que, na caserna e na disciplina esterilizadora da M. P., estais sujeitos ao estio-lamento dos vossos anseios, à amputação da vida e à incerteza de um futuro negro, nada podereis esperar do fascismo salazarista que não seja a atitude imbecil de **saudar o Chefe** como escravos seguindo o carro do triunfo consular.

Que esperanças vos concede a vida sob o despotismo? A escola fascistizada mistifica o pensamento, seleciona os privilegiados e os incapazes para o bacheleto, amarra-vos a trabalho servil e mal remunerado, tornando vos pedintes e, dando-vos missas e fardas de bobo, faz da juventude o veículo da nossa decadência.

Jovens companheiros! A miséria e a tirania quebram em vós o desejo de ação e as esperanças da vida. Jovens companheiras! esperai-vos tristeza igual, a de serdes mães de filhos esfaima-

dos, mortos e presos pela Gestapo, e a maternidade e o amor um pesadelo e a desgraça.

Mocidade! Ergue te para a luta! A Juventude libertária é o crisol que te nobilita, a agrupação da mocidade que anseia pela liberdade e pelo futuro com aversão à tirania; é o reduto das mais nobres aspirações duma vida digna de viver-se: o comunismo libertário.

Rapazes e raparigas! Onde vos encontrais, formai grupos da Juventude Libertária que, na hora da luta, ergam o facho da redenção. Cada grupo procure outros e unam-se à Federação das Juventudes Libertárias.

A Juventude de que Salazar e o clero quis fazer pedestal do seu regime ignominioso só pode ser a alma da Libertação e da Resistência, a força criadora de um mundo novo.

O Comitê Nacional das Juventudes Libertárias.

UMA COMPARAÇÃO

(Continuação da 1ª pag.)

torsões, arrogâncias e guerras, de nada se pode orgulhar. Argumentam seus devotos que, desde remotas eras, sempre houve um governo de espada em punho e um povo obediente a seus ditames; mas, toda antiguidade só prova antiguidade e nada mais, podendo uma nefastíssima instituição, a realza, por exemplo, ter dez mil anos de existência.

O espantoso Estado exige pregadores e executores. O soberano invisível precisa uma imagem visível, o poder, e uma representação do governo. Porém, dentro da fantasia e da máscara carnavalesca está o real senhor: o capitalista. Com o seu dinheiro, alavanca do poder, corrompe e envenena a opinião pública, transforma os códigos e as constituições em instrumento plutocrático.

Suas leis não se firmam na justiça natural, pois esta, torturada nos artigos e parágrafos, espichada numa infinidade de regulamentos limitadores, acaba amargurando a vida.

Compreende-se pois que a classe privilegiada tenha

vivo interesse em pregar todo respeito ao Estado, assegurador das riquezas acumuladas com o trabalho alheio.

Ora, o povo está exausto de tanto obedecer, detesta o militarismo que o empobrece, descre dos políticos desbriados, execra a burocracia e grita desesperado: — Não há remédio! Sempre foi assim!

Nós respondemos: — A culpa é tua! Esse Estado que odeias é tua obra, obra péssima. Quem faz o amo é o escravo. Os Estados só duram enquanto reconhecermos como **nostra** sua vontade dominante. Tivessem os indivíduos vontade própria, eliminar-se-ia o Estado. E' isso o que prega o anarquismo.

Com efeito, o anarquismo nega o Estado e nisso consiste sua originalidade. Negando o Estado, nega a **autoridade**, isto é, o direito de dominar um grupelho de indivíduos toda a coletividade. Negando o Estado, nega também qualquer ideologia ou partido que reconheça o Estado, o sustente e o sirva. Assim, a humanidade tem de decidir entre a força organizada e a liberdade individual, entre Estado e anarquia. Não há outra saída. Com o Estado perpetuaremos a barbárie e a miséria; com a anarquia, alcançaremos a libertação do valor mais alto — o humano!

A mais alta nobreza do gênero humano consiste no livre intercâmbio dos indivíduos e essa deve ser a norma e fundamento de tudo. E' esse realmente o postulado da Anarquia.

Comparo a **anarquia** a um automóvel e a **arquia** (regime estatal) a um carrinho de mão. A primeira

tem sua força própria em si mesma; a segunda precisa de uma força externa impulsora. A supertição de que a sociedade precisa de uma **cabeça** é um dos erros mais nefastos.

A anarquia vem mostrar a nocividade de um governo com seu abominável burocratismo e o seu **Olimpo**, o parlamento, referto de espertalhões, fabricantes de leis em série em favor dos possuidores.

Ora, os politiquinhos, de qualquer **partido**, não desejam modificar um mundo onde podem, com demagogia e astúcia, adular os donos de tudo aproveitando-lhes as sobras ou galgar posições para, oprimindo os obreiros, locupletar-se.

A anarquia vai abrir o túmulo do capitalismo e do marxismo, parentes próximos.

E' que a anarquia transformará completamente a vida econômica e social, organizando, livre do Estado, a produção e a distribuição.

Tal organização se erguerá sobre os fundamentos do federalismo sindical.

Anarquia não será ditadura do proletariado, mas uma grande associação de trabalhadores livres.

E como não é capitalista, não fará guerras, não fabricará armas, nem permitirá tentativas de reposição de autoridades quaisquer com máscara ou sem ela.

A constituição anárquica pode resumir-se em duas palavras:

Auxílio mútuo!

GERMINAL

Noticias anarquicas

(Continuação da 3ª pag.)

Inglaterra 1. Violenta greve de trabalhadores rurais na Irlanda. As produções agrícolas subiram sempre de 1939 para cá. Lucros enormes dos fazendeiros, preços asseverbantes, mas nenhum aumento de salário. Os rurais exigem aumento de três libras semanais, uma semana de férias anuais e os dias santos religiosos pagos.

2. Aumentam assustadoramente os desempregos no país de Gales, na Escócia, no norte da Inglaterra. Daí abandono das aldeias e afluência avultada para as capitais. A população de Londres cresce vertiginosamente e produz desequilíbrios sérios.

PROPAGUEM

A ç ã o Direta

Missão dos sindicatos

P. Ferreira da Silva

A situação do proleto-riado é sempre difícil, mas ha épocas em que se torna mais grave, atingindo proporções de crise econômica sem remédio aparente. Não estranhemos que, no período do após guerra, essa situação esteja afligindo mais intensamente os trabalhadores de poucos recursos econômicos, porque não é a primeira vez que tal coisa acontece e o fenômeno há de repetir-se sempre em circunstâncias mais ou menos idênticas.

Contra os males da inflação e da carestia encontram-se os trabalhadores desamparados, e por isso é necessário que os mesmos tomem suas medidas de defesa econômica. Se não o fizerem, ninguém o fará por eles.

Um dos recursos que parecem mais acessíveis e dos quais se lança mão numa espécie de represália contra a especulação dos preços, é o aumento dos salários. Já sabemos qual é a primeira resposta do patronato diante de tais reclamações. Dizem logo que o aumento de salários provocará o encarecimento dos produtos como se fôssemos tão idiotas que não vissemos esse encarecimento tornar-se real e sensível muito antes do aumento contestado e tardio.

Mas não deixa de ter fundamento o raciocínio ca-

pitalista. De fato, o salário faz parte do custo da produção e há de refletir-se nesta o agravamento de qualquer compromisso ligado a esse custo. Cabe-nos porém o direito de reagir, porque a reclamação tem o caráter de defesa, de efeito e nunca de causa, residindo esta em fatores econômicos de origem diversa.

Os organismos operários gastam suas energias reclamando o aumento de salários, redução de horas de trabalho, participação nos lucros. De um ponto de vista imediato, parece tratar-se de reivindicações capazes de atenuar a crise. Ao longe, porém não fazem mais do que agravá-la.

O salário mais alto eleva o custo da produção. Não tenhamos ilusão: por esse caminho nunca se chegará a tornar os artigos mais baratos, colocando-os ao nosso alcance.

Menos horas de trabalho significa menos produção. A escassez dos artigos ajudará os especuladores na tarefa de elevar os preços em prejuízo dos consumidores.

Participação nos lucros é outra ilusão. O trabalhador fica interessado na exploração mercantilista e torna-se inimigo do consumidor, que é seu irmão de outras indústrias e, por sua vez, também o explora

num jogo idiota de troca de vantagens que se anulam em benefício do capital.

A responsabilidade da alta dos preços cabe ao Estado, que aumenta o dinheiro circulante sem que exista aumento equivalente na quantidade de mercadorias ou utilidades. Corresponde portanto maior valor monetário ao artigo real para absorver o meio circulante. E' aí que reside o problema, e nenhum aumento de salários conseguirá resolvê-lo.

Quer isto dizer que de vemos ficar inativos, acobardados diante do irremediável deixando-nos explorar e assistindo ao luxo afrontoso dos que possuem meios de aproveitar a crise a seu favor? Não, de forma alguma. Seria antes o caso de entrarem os sindicatos em ação, de modo direto, por sua conta, num plano de defesa econômica dos trabalhadores, neutralizando a especulação, combatendo os intermediários, reduzindo os meios de exploração do comércio parasitário, assumindo tanto quanto possível o controle da distribuição dos produtos.

Quando o comércio alega, por exemplo, a dificuldade de transportes para justificar falta ou encarecimento de produtos, uma frota de caminhões, coman-